

Día Nacional de la Memoria por la Verdad y la Justicia

Por Leandro Colling*

Na última segunda-feira, dia 24 de março, participei das atividades do Día Nacional de la Memoria por la Verdad y la Justicia, em Buenos Aires. A data foi criada em 2002, mas apenas três anos depois, no governo de presidente Néstor Kirchner, foi transformado em feriado nacional. Em 24 de março de 1976 ocorreu o golpe que retirou Isabel Perón da presidência do país.

No entanto, ao invés de comemorar o aniversário do golpe, os argentinos criaram a data para lembrar das atrocidades cometidas pela ditadura, uma das mais sangrentas e assassinas da América Latina. A Praça de Maio, em frente à Casa Rosada, e toda a Avenida de Maio até a Avenida Nove de Julho ficou tomada de militantes.

As conhecidas Madres y Abuelas de Plaza de Mayo puxaram o cortejo e ajudaram a segurar parte da imensa faixa que continha as fotos dos desaparecidos políticos na ditadura. Por onde passavam, eram aplaudidas e emocionavam as pessoas.

Dezenas de organizações de direitos humanos, incluindo milhares de peronistas e kirchneristas, portando centenas de bandeiras e com ruidosos tambores, formaram a grande maioria da marcha. Mas também era grande a participação de cidadãos fora dos grupos organizados, pessoas que estavam ali para dizer: jamais esqueceremos o que aconteceu e não queremos isso nunca mais em nosso país.

Para construir a memória do que aconteceu, várias organizações montaram painéis com fotos e histórias de pessoas que foram assassinadas. Qualquer pessoa poderia chegar e incluir uma foto, um nome, uma história, uma dor.

Na frente da Casa Rosada, um grande palco foi montado para as manifestações dos ativistas. O lema deste ano foi: Democracia ou corporações, uma explícita crítica aos oligopólios privados.

Nas redondezas da marcha, o clima era de uma espécie de festa de largo de Salvador ao estilo porteño. Dezenas de vendedores ambulantes vendiam o tal "churrasquinho de gato", bandeiras da Argentina e camisetas de Evita Perón, Nestor e Cristina Kirchner. Com um detalhe: tudo ultra pacífico e sem a

presença de policiais que só vi nas barreiras que fechavam as ruas próximas, impedindo a entrada de carros por onde ocorria a manifestação.

Enfim, uma linda manifestação, muito emocionante, um belíssimo exemplo e recado para as mal sucedidas marchas da família, que nos últimos dias ocorreram no Brasil para pedir o retorno dos militares ao poder.

*Professor do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos e coordenador do grupo de pesquisa de Cultura e Sexualidade (CUS) da Universidade Federal da Bahia (Ufba).